

Vidas em torno do rio: Uma abordagem histórica das relações estabelecidas entre as populações na região Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul e o Rio Uruguai

*André Luiz Onghero**
*Lucas Antonio Franceschi***

Resumo

O artigo trata das relações estabelecidas historicamente com o rio Uruguai. Utilizando entrevistas, imagens e bibliografia, procurou-se abordar diversas formas de utilização do rio, pelos diferentes grupos que habitaram a região. Pode-se perceber que o rio Uruguai é um patrimônio ambiental e cultural, na medida em que a relação com o rio foi fundamental para o desenvolvimento de diferentes modos de vida.

Palavras-chave: Rio Uruguai; Hidrelétrica; Patrimônio.

e fotografias pertencentes a acervos. Nas citações de entrevistas, procuramos manter a linguagem dos entrevistados, entendendo-a como uma expressão cultural própria dos grupos sociais e étnicos aos quais os entrevistados pertencem.

Refletindo sobre os conceitos de patrimônio ambiental e de patrimônio cultural, buscamos como referência, o texto da Constituição Federal de 1988, que define patrimônio cultural da seguinte forma:

216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Partindo da definição legal, o presente artigo pretende demonstrar, por meio de pesquisa com fontes históricas, que o rio Uruguai constitui um patrimônio cultural e ambiental, na medida em que definiu formas de criar, fazer e viver, como cita o inciso II, além o seu valor paisagístico, arqueológico e ecológico, em conformidade com o inciso V e sua importância para identidade e memória da população.

Vestígios de antigas ocupações

Pesquisas arqueológicas revelam que as margens do Rio Uruguai eram habitadas há aproximadamente 10 mil anos, por grupos caçadores-coletores, e com datações mais recentes, foram encontrados artefatos cerâmicos que caracterizam uma ocupação de povos ceramistas, com tradição Tupiguarani. A existência de numerosos vestígios da presença humana, permite supor que a utilização do rio era fundamental para a subsistência de tais grupos, que costumavam ocupar áreas mais planas chamadas platôs, próximas a corredeiras e

saltinhos. Supõe-se que estes grupos utilizavam o rio para pesca e banho, além de retirar matéria prima como seixos ou pedras para a confecção de utensílios e ferramentas. As pesquisas demonstram ocupação simultânea nas duas margens do rio, cuja travessia poderia ser feita com a utilização de canoas.

Caminhos de tropas e novos povoamentos

A condução de tropas de animais, geralmente bovinos ou muares, das fazendas do Sul em direção à província de São Paulo, foi uma prática realizada durante os séculos XVII a XIX. Para a condução dessas tropas, foram abertos caminhos que cruzavam o atual estado de Santa Catarina. Um dos caminhos utilizados atravessava o Rio Uruguai, no passo Goio-Ên, no encontro do rio Passo Fundo com as águas do Rio Uruguai, hoje município de Nonoai, em direção ao Passo Bormann, atual distrito de Chapecó.

A partir de 1850 o gado argentino que entrava pelo Passo de São Borja e Santa Maria, seguia até os campos de invernadinha de Cruz Alta e Passo Fundo, para depois rumar pelo Passo de Goio-En até os Campos Gerais do Paraná, atingindo a feira de Sorocaba em São Paulo, percorrendo mais de duzentas léguas ou mil e duzentos quilômetros (FLORES, 1998, p.37).

Estes caminhos tiveram grande importância no povoamento do interior do Sul do Brasil, iniciado pelo criatório nos campos do Rio Grande do Sul, Guarapuava, Lages e Palmas. Porém, a ocupação de tais campos não ocorreu de forma pacífica, muitas vezes, eram territórios ocupados por grupos Kaingang, que entraram em conflito com os fazendeiros. Além disso também havia confrontos entre os próprios fazendeiros, que concorriam na ocupação das terras (RENK, 2006, p.33-34).

O extrativismo vegetal: erva-mate e madeira

O povoamento que foi estabelecido procurava extrair alguns recursos naturais que possibilitavam a obtenção de lucros imediatos, como o corte da erva mate e da madeira. Estes eram conduzidos até a Argentina, utilizando o rio Uruguai como via de transporte.

De fevereiro em diante, as margens do Goyo-En revestem-se de alguma animação com a construção das piraguas, que vão levar a S. Thomé, na província de Corrientes, o fumo e a erva produzidos na região adjacente. São tais piraguas grandes embarcações de madeira de lei, do feitio de um verdadeiro caixão, comportando 2 a 3.000 arrobas de erva e destinadas a seguir nas maiores enchentes, isto é, ordinariamente, de agosto a outubro, levadas pela correnteza até às povoações argentinas. Todos esses “piragueiros” descreviam-me tal viagem como inçada de peripécias tremendas: a velocidade do rio é, em certos pontos, inavaliável. Diz os arrojados embarcações não haver tempo de distinguir, na margem, uma árvore sequer, perpassando tudo vertiginosamente: a corredeira do macaco, por exemplo, quem tem três léguas de extensão, é transposta em 20 minutos; é a velocidade de um trem expresso, a ser verdadeira a informação (MALAN, 1918, p.275).

O autor descreve um tipo de embarcação utilizada para o transporte de produtos como erva-mate e fumo para os portos argentinos. O trecho apresentado a seguir dá uma noção da lucratividade do empreendimento, o que motivava enfrentar os perigos da navegação pelo rio.

[...] Apesar dos perigos, não deixavam, anualmente, de descer o Uruguay seis e mais piraguas, exportando pra cima de 20.000 arrobas de erva e notável carregação de fumo. O lucro é evidente, se bem sucedida a empresa: a erva que, nas margens do Goyo-En, apenas custava o trabalho do preparo, era vendida nos portos argentinos, a mais de 5\$000 a arroba, pois tem extraordinária procura a proveniente das Missões e mui especialmente a barbacua, queimada sem fumaça. Avaliando em 500 rs. o custo da arroba e em outro tanto, também por arroba, as despesas do transporte, reduzidas à construção da piragua, obtinha-se, conseguindo collocar 2.000 arrobas de hervas em S. Thomé, um lucro líquido de oito contos; o próprio madeiramento da embarcação era fonte de renda (MALAN, 1918, p.277).

Segundo Bavaresco (2006), a exploração econômica dos ervais foi realizada nos 3 estados do Sul do Brasil, Argentina e Uruguai. A erva do Sul do Brasil era exportada principalmente para a Argentina, devido às facilidades de acesso, tanto por tropas de muares como pelas piraguas no rio Uruguai. Em 1910, teriam passado por Passo Bormann (atual Chapecó) 635.526 kg de erva mate, e no ano seguinte a quantia aumentou para aproximadamente 1.181.580 kg.

A grande quantidade de madeira de qualidade nas matas da região em torno do rio Uruguai e a possibilidade de realizar o transporte da madeira pelo rio, até a Argentina, motivou a vinda de empresas madeireiras, que instalaram serrarias, como a apresentada na imagem seguinte.



Empresa madeireira

Fonte: Acervo do CEOM

As madeiras visadas eram as de maior valor comercial, que seriam:

O “cedro” (cédulo odorata), que por seu fraco peso específico flutua em vigas e é exportado em jangadas rio abaixo, do Alto Uruguai, região de sua exploração, para a cidade de São Tomé, na Argentina; o “óleo”; a “imbúia” (nectandra sp.); a “canela preta” (nectandra amara); a “peroba amarela” (aspidoperma); a “cabriuva”; a “grápia”; o “guamirim”; o “araribá” (centrolobium robustum); a “cangerana” (cabralea cangerana) e o carvalho. (LUZ, 1952. p.17)

O corte destas árvores era realizado manualmente, com machados e serrotes. Depois de derrubado, o tronco poderia ser serrado, formando toras e então era transportado até a serraria e dali para as balsas em grandes carroças de tração animal, como relata o senhor Davi Menoncim:

(...) Nós puxava madêra da serraria e botava no barranco do rio, depois descia com a balsa. (...) Tinha, cedro, loro, tanjarana, ma tinha de vários tipo de madeira que se cortava. Cortavam tora. Aí não era mais serrada, era tora que levava. (...) Levava tanto as tábua quanto as tora mêmo, as tora pronta. Leva o cedro, o loro, essas otras madeira nós levava pronta, a cabriuva, levava as tora lá no rio pra, levava embalsada. (Davi Menoncim)

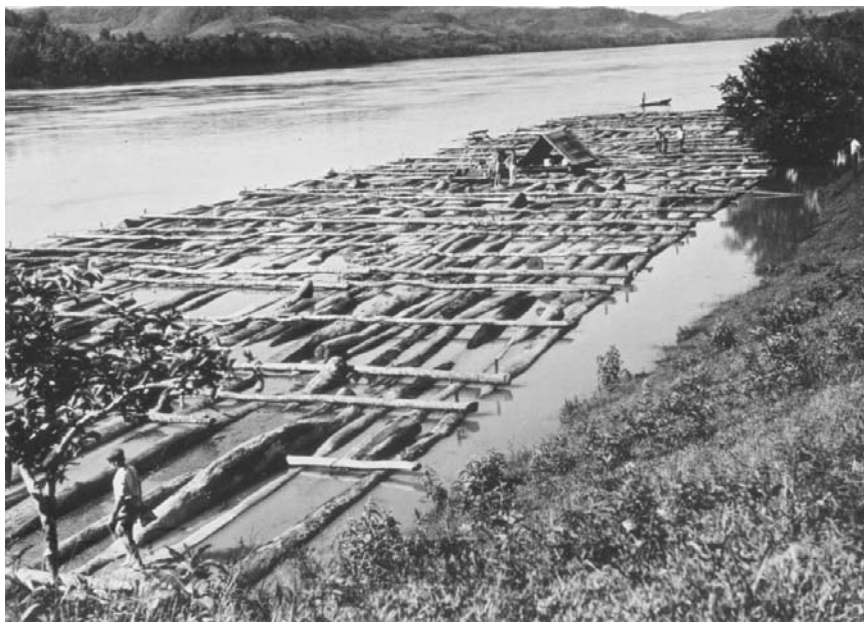
Havia balsas feitas com toras e balsas feitas com tábuas, que eram transportadas até o rio e ali eram amarradas com cipós ou arames. O senhor Rainoldo Antão fornece um relato da amarração das balsas:

Mais eles atavam os pacote de prancha, bem amarrado e depois botavam travessa anssim. Naquele tempo passavam cipó e coisa, depois atava, era atado com arame. (...) Ah eles levavam muita madêra, levavam pinhêro, cedro, loro, cabriuva. Eram as madêra de mais valor que eles levavam. (Rainoldo Antão)

Segundo Bellani (1995), foram criados oficialmente os Postos de Fiscalização e Classificação do Instituto Nacional do Pinho, pela resolução nº 10, de 3 de setembro de 1943. os postos tinham como jurisdição, os seguintes locais de embarque: Porto Goio-Ên e Chalana

(Chapecó), Caxambu do Sul, São Carlos, Passarinhos (Palmitos), Mondaí e Itapiranga. O destino das balsas era, os portos de recebimento da madeira em Uruguaiana, Itaqui, Barra do Quaraí e Passo de Los Libres, o que correspondia a um percurso de mais de 500km.

As balsas só poderiam percorrer o rio quando ele estivesse no “ponto de balsa”, ou seja, com um volume de água suficientemente elevado para conduzir as balsas com velocidade e transpor os obstáculos do caminho. Até que o rio atingisse este volume, nas cheias, como a de “São Miguel”, no fim do inverno, as balsas permaneciam no rio, como pode ser observado na imagem seguinte:



Balsa sobre o rio Uruguai, em Mondaí/SC

Fonte: Acervo CEOM

A viagem, que durava em torno de 5 ou 6 dias, dependendo do volume da enchente, era perigosa e desgastante. Entre os perigos, estavam as ilhas, corredeiras e saltos do rio, que poderiam fazer a balsa encalhar ou quebrar, colocando em risco a carga e os balseiros. Contornar os obstáculos exigia manobras da balsa, que eram realizadas pelos

“práticos” que tinham conhecimento do rio e sabiam como posicionar a balsa utilizando os remos, como mostra a próxima imagem.



Retrato de grupo de homens em balsa de madeira à remo sobre o rio Uruguai, em Mondai-SC

Fonte: Acervo CEOM

Após a definição dos limites políticos da região do vale do rio Uruguai, em 1917, foi iniciado o processo de colonização das terras, quando os governos estaduais concederam para empresas colonizadoras lotes de terra que deveriam ser ocupados, estabelecendo o povoamento da região. As empresas promoveram a venda de terras para famílias, principalmente de agricultores descendentes de europeus que moravam em colônias no Rio Grande do Sul. A venda das terras ocasionou conflitos com os caboclos que as ocupavam, pois, uma vez que não possuíam escritura das terras em que moravam, tiveram de ceder espaço aos colonos. Algumas vezes esta disputa pela terra foi violenta, em outros casos, os caboclos se inseriram no processo de colonização, trabalhando como diaristas e agregados para as famílias de colonos.

A colonização estabeleceu novas formas de ocupação do espaço, dividindo o território em lotes chamados “colônias”, dos quais as famílias retiravam madeira para construção das casas e abriam

roçados nas matas, destinados ao cultivo de alimentos. Os depoimentos de moradores do município de Caxambu do Sul/SC referente à colonização das terras, aborda a questão da retirada da mata para a construção de casas e estabelecimento de terras agrícolas.

Mato, mato era só mato, árvore né... e, não tinha outra coisa aqui. Depois aí eles começaram roçá, derrubá, pra podê plantá, né. (Maria Constância Chiarello D'allmagro)
Fizemo a casa porque aqui era só mato, nós fizemo uma casinha era cinco por cinco e meio, por cinco e meio pra, podê cortá o mato pra fazê a casa. (Guerino Vassoler).

Os colonos vendiam a madeira de lei e os pinheiros encontrados no interior de sua propriedade para as companhias madeireiras, que pagavam um preço relativamente baixo. Mas esta era uma forma dos colonos obterem um dinheiro para suas necessidades como sal, açúcar, ferramentas, roupas e calçados. (ZAMBIASI, 2000. p.35/36)

Pesca e cultivo nas margens do rio

A pesca desenvolvida no rio Uruguai foi importante para o suprimento alimentar dos moradores de suas proximidades. Entrevistas realizadas com moradores do município de Caxambu do Sul/SC revelam detalhes sobre as técnicas utilizadas na pesca, como relata o senhor Valdecir Ceccon.

Nóis tinha o Rio Uruguai meio perto. O finado pai dizia, vocês ficam por ali, que eu vô pescá. (...) Ma peixe nós pegava em tipo, tudo quanto era tipo. Surubi, jundiá, piava. Era só i pescá e fazê ceva, né. Nóis fazia ceva. Agora, o surubi e jundiá nós ia assim, qualquer lugar ali, botava ali e jogava a isca e pegava. (Valdecir Ceccon)

Além do anzol, era utilizada a técnica da “ceva”, que consistia em largar alimentos em certas partes do rio, para atrair os peixes ao local: “levava comida, quirela, milho. Amarrava né, fazia um feixe, amarrava e jogava no rio. Daí nós ia pescá. Aí elas vinham comê na ceva, e nós pegava” (Valdecir Ceccon).

As armadilhas para aprisionar peixes eram empregadas pelas populações indígenas, que confeccionavam o “pari”, semelhante a um cesto, colocado dentro do rio, onde os peixes conseguiam entrar, mas ficavam impedidos de sair. Os colonizadores também faziam armadilhas para pender os peixes dentro do rio, como conta o senhor Valdecir Ceccon.

Por exemplo, vamo supor o Uruguai é esse aqui né, daí chegava num baxio [lugar mais raso no rio], ajuntava pedra e fazia uma cercado assim. (...) Daí fechava água. Daí fazia um portão e cevava aqui, pnhava milho. Daí armava a portêra e nós ia lá de noite, quando via que tinha peixe dentro, largava a portêra. Uma armadilha né, com uma corda. (...) Cevava uns quinze, vinte dia e depois armava aquilo lá. Daí ele, nós descia de noite lá, ficava lá um tempo, quando se via que tinha peixe dentro, largava a tampa, daí nós ia lá. Uma noite peguêmo quatorze piava dentro. Tudo de dois quilo, três quilo. (Valdecir Ceccon)

Uma vez que os peixes ficavam trancados na cerca de pedras, eles eram pegos com as mãos ou abatidos a golpes de porrete ou facão.

Outra técnica utilizada para pesca é o “espinhel”, relatada pelo senhor Luiz Alvez Ribeiro: “O espinhel é os anzol. Tu arruma os anzol, tem que arrumá num apoito [barbante, linha] comprido, vai amarrando, tudo com cabinho de linha. Vai amarrando e depois amarra, põe uma bóia, duas bóia e estende” (Luiz Alvez Ribeiro).

O espinhel seria, portanto, um tipo de armadilha feita com uma linha comprida, na qual ficam presas uma série de linhas de anzol. Pode ser suspenso por bóias ou então preso a um barranco, com uma pedra servindo de âncora, como conta o senhor Rainoldo Antão: “o espinhel é uma corda com otras atada [amarrada] aí com trinta, quarenta, cinqüenta anzol, põe a quantia que qué. (...) Amarrara num barranco e ata numa pedra lá pro, e larga lá pro lado do rio mesmo” (Rainoldo Antão).

Mas uma das principais técnicas de pesca utilizada é a rede, que pode ser visualizada na imagem a seguir:



Senhor Claudino Ribeiro, pescador profissional, pescando no rio Uruguai. Linha Volta Grande, Caxambu do Sul/SC.

Foto: Lucas Antonio Franceschi – Acervo CEOM

Segundo o senhor Claudino Ribeiro, que tem a pesca como uma das principais atividades, a altura da rede tem que ser adequada ao tipo de peixe que se deseja pescar.

Depende do que tu vai fazê, o que tu vai pescá, dependendo, do lado tem que sê alta né, tem que sê uma rede alta. Tu vai pescá cascudo, tendo, tendo metro, metro e meio de altura já tá bom. Que pra dorado tem que sê alta. (...) Tem que dexá armada. Quem ontem, nós armemo ontem, revistemo hoje cedo. Daí amanhã eles vão revista de novo né. Só que tem que limpá de tarde, por que tem que tê duas rede (Claudino Ribeiro).

Além da pesca, a família Ribeiro, assim como muitas famílias da Linha Volta Grande – Caxambu do Sul/SC, dedicam-se ao plantio da melancia. Segundo eles, as terras nas margens do rio Uruguai são muito boas para tal cultivo, pois quando o rio enche, suas águas

avançam sobre as margens e trazem nutrientes que tornam a terra mais fértil.

A linha que mais produz é a Volta Grande! Né, e agora vai ficar no fundo da água, né, por causa da barage, né. Apesar as marges aqui é a terra mais produtiva que tem, né. Produtiva porque é uma terra muito chata e muito, muito forte, né. Não precisa nem colocá insumo, nada, quage. Dá muito bem a melancia (Itamar Fistarol).

Além disso, toda a região próxima ao rio é propícia à formação de neblina, principalmente durante o inverno. Isto faz com que o local fique muito frio e úmido, dificultando a formação de geadas, o que favorece certos cultivos agrícolas e permite obter pastagem verde para o gado o ano inteiro. Como afirma o senhor Volmir Scarparo: “na costa do rio, nós temos aí pasto pro gado no inverno e no verão. Que não dá... geada não mata, né” (Volmir Scarparo).

A Enchente de 1965

Mas o rio Uruguai também trouxe eventos marcantes e tristes para a população que vive em suas margens. Um deles foi a enchente de 1965, lembrada como a maior enchente do rio Uruguai. Segundo os depoimentos, naquele ano ocorreu um fenômeno climático muito raro na região: a neve.

O senhor Rainoldo Antão afirma que a neve favoreceu a formação de tal enchente. “Mas, deu a, deu a enchente depois da neve. (...) O rio começou a crescer e arreventô madêra e caiu casa. C’o peso das neve. Aí que deu a enchente”. (Rainoldo Antão)

A fotografia apresentada a seguir retrata a enchente de 1965 no Porto Goio-Ên, em Chapecó. Pode-se verificar que a água cobriu parte de casas e árvores.



Enchente no rio Uruguai, 19/08/1965, Porto Goio-Ên, Chapecó/SC.

Fonte: Acervo CEOM

O volume de água do rio surpreendeu moradores como o senhor Renato de Oliveira Ramos.

Começô a chovê chovê chovê. E tava bastante frio, caiu neve. E, e... numa daquelas, um dia de tarde, nós fomo oiá uns, uns caíco que nós tinha, (...) aquela água parece que vinha rolando a terra. (...) E nós morava bem aqui no chato em baixo, na várgea. Barbaridade, foi enchendo o rio. (Renato de Oliveira Ramos)

Alguns moradores se referem à enchente de 1965 como “dilúvio” e relatam os estragos que a enchente causou nas propriedades localizadas nas margens.

É, aquela foi, eles diziam o dilúvio né, mais é, o rio saiu fora da caxa 25 metro. (...) É, lá perto da nossa casa, lá da casa nós oiava lá no rio enxergava, era o mar, era o mar, que as arve [árvore] mal e mal se via as copinha delas. (...) Lá da nossa casa nós enxergava cruzá assim, as casa que iam rio abaxo. (Maria Schultz de Lima)

Entre as famílias que perderam seus pertences na enchente de 1965 estava a família Ribeiro, como relata a senhora Eni Ribeiro:

Delúvio brabo né, que deu aquele deluvião aquela vez. Que pegô tudo as barranca de rio. Nós perdemo tudo que nós tinha. (...) O primero ano que nós casemo, né. Daí nós tinha tudo já, né o que que era pra começá da agricultura. Daí o rio pegô e levô tudo embora, garpão [galpão], milho, tudo tudo. Que nós sarvemo foi só umas... os porco né e umas galinha. No mais, até nossa ropa. (Eni Ribeiro)

Com a construção das barragens no rio Uruguai e o controle de saída das águas pelas comportas, o rio não encheu mais daquela forma, e as enchentes pararam de acontecer com tanta violência, pois as comportas controlam a vazão da água.

Um espaço de sociabilidades

O rio Uruguai tem sido um divisor de territórios, mas suas águas não impediram a sociabilidade entre os moradores de margens opostas. Existem diversos pontos de travessia de um lado para o outro, como a ponte do Goio-Ên, que liga os municípios de Chapecó/SC e Nonoai/RS, além das barcas, que realizam a travessia em Chapecó/SC, Paial/SC e Erval Grande/RS. Ao longo dos anos, foram construídas relações sociais entre os moradores dos dois estados, na medida em que participavam de festas e jogos de futebol, em ambos os lados do rio. Até mesmo namoros e casamentos foram proporcionados pelas visitas que atravessavam o rio utilizando caícos.

A festa em honra de Nossa senhora dos Navegantes, foi realizada por muitos anos na localidade de Porto Goio-ên, Erval Grande/RS. Conforme o relato da senhora Ilda Rebonato Lopes, moradora da localidade há mais de 40 anos, a festa sempre contou com a participação de grande número de pessoas de ambos os lados do rio. O auge da festa era o momento em que o público saía com a barca, em procissão pelo rio, cantando e rezando. Com a construção

da ponte entre Chapecó/SC e Goio-Ên, a barca foi desativada e a procissão não percorreu mais leito do rio.

A imagem a seguir mostra a barca utilizada para o transporte de veículos entre Rio dos Índios/RS e Caxambu do Sul/SC, no local conhecido como Porto Caxambu.



Barca utilizada para travessia de veículos pelo rio Uruguai. Porto Caxambu, Caxambu do Sul/SC. Foto: André Luiz Onghero

Fonte: Acervo CEOM

O veraneio nas praias do rio Uruguai, sempre foi atividade constante dos moradores da região, possibilitado pelos remansos do rio, que formam pequenas praias para o lazer. O senhor Arno Machado dos Santos, morador da linha Saltinho, Águas de Chapecó/SC, atingido pelo canteiro de obras da UHE Foz do Chapecó, conta que, na época de verão, as famílias costumavam ir até a margem do rio, para fazer churrasco, acampar, contar causos, e se banhar. Faziam uma confraternização entre vizinhos e amigos. Mas, com a implantação do canteiro de obras, o lugar foi drasticamente

modificado, ficando apenas na memória das pessoas que dele desfrutaram. Em seu depoimento ele declarou que sente saudades do rio e dos dias de sol que passou nas suas margens.

As Hidrelétricas e as mudanças sociais e paisagísticas

Desde a década de 1970, estudos sobre o potencial do Rio Uruguai para a geração de energia elétrica têm sido realizados. Foram instaladas as hidrelétricas de Machadinho e de Itá, e atualmente encontra-se em construção a UHE Foz do Chapecó. Esta nova forma de utilizar o rio procura garantir o abastecimento de eletricidade, mas, em virtude do tamanho das obras, tem causado modificações no rio e nas relações da população com ele.

O mapa a seguir, mostra a área de alagamento para o reservatório da UHE Foz do Chapecó, o qual abrange os municípios de Águas de Chapecó, Caxambu do Sul, Guatambú, Chapecó, Paial e Itá na margem catarinense e Alpestre, Rio dos Índios, Nonoai, Faxinalzinho, Erval Grande e Itatiba do Sul na margem riograndense.



Mapa de localização da área diretamente afetada pela UHE Foz do Chapecó.
Fonte: Scientia Consultoria Científica.

Segundo informações do Consórcio Foz do Chapecó, o reservatório da barragem ocupará uma área de 79,2 Km². Destes, 40,0 Km² correspondem à própria calha do rio Uruguai. Assim, 39,2 Km² serão inundados para a formação do lago. A Foz do Chapecó Energia prevê a aquisição de mais de 17 mil hectares com o objetivo de sediar o canteiro de obras e o reservatório, além de reassentar algumas famílias que serão relocadas.

Estima-se que 1.500 proprietários tenham que deixar suas terras em razão desta obra, deixando o local onde estabeleceram relações sociais, econômicas e culturais. Assim, o impacto sobre suas famílias não é apenas econômico, mas diz respeito à sua memória, pois são obrigados a deixar o rio que marcou suas vidas.

Ah, o Rio Uruguai aqui pra nós é bão, né, que água não falta pro gado, pra pescá tamém, tu sempre tem peixe, né. De vez em quando pesquêmo pra vendê, tamém, né, quando sobra tempo, né. E o Rio Uruguai é bão, perto, né, é até bunito de vê, né. (Itamar Fistarol)

Com a saída de muitos moradores na área atingida também se modificam as relações sociais. Muitas famílias não sabem para onde vão e nem se terão êxito na nova moradia, gerando angústias e dúvidas sobre o futuro.

Ah a mudança vai ser, muito grande, muito preocupante (...). Vocês não gostariam de tá num lugar assim? (...) Eu pra mim acho que não existe nada melhor nesse mundo que você tá sossegado olhá aqui ó. (...) você vê o canarinho cantando, sabiá cantando, né? Tudo os pássaro que tem, tem quantidade. Ninguém caça, ninguém mata, ninguém atropela, porque é a coisa mais linda do mundo. (...) Aqui tem mil duzentos e pouco pé de arvoredo tudo aflorecido. (Renato de Oliveira Ramos)

Para aqueles que vêm seus familiares e vizinhos partindo, sentem também a perda daqueles que ajudavam nas atividades.

Na época da melancia nós não vamo tê gente pra ajudá. E quando eu tivé uma melancia pra colhê aí, eu tê que coiê sozinho.

(...) O camionero qué coiê ligero, daí não tem um cara pra me ajudá, por que não vai tê gente mais aí. Meus irmãos vão saí tudo. Os vizinho a maioria vai saí. (Claudino Ribeiro)

A família Ribeiro, moradora da Linha Volta Grande, Caxambu do Sul, mesmo não tendo suas moradias atingidas pelo lago da barragem, terá seu modo de subsistência impossibilitado, pois vem se mantendo com a renda da pesca profissional, do plantio de melancia e criação de gado, atividades que dependem da margem do rio e do trabalho familiar. A maior parte da família está de partida para a cidade, mas ali, os seus conhecimentos sobre pesca e sobre o rio não serão aproveitados profissionalmente, acabando com uma tradição da família.

Eu tinha sete ano eu já pescava. Pescava com o pai, ia no rio junto com o pai. Eu sô o mais velho da família né. Meu pai sempre pescô. E o pai sempre, sempre vai pescá né. Daí ele tinha poquinho rede, mas sempre eu ia junto. Armava as rede junto com ele. Voltava pra casa sempre (...). Até agora, até hoje. (Claudino Ribeiro)

Para aqueles que conseguiram adquirir terras em locais próximos às antigas moradias, o impacto é menor, pois conseguem manter parte importante dos vínculos sociais, como afirma o senhor Volmir Scarparo:

Óia, eu, pra ser bem franco, terra boa que nem tem aqui no município de Caxambú, tu pode ir aonde que tu quiser, tu não acha. (...) Que nós já temo adaptado aqui, né. De repente vai num lugar, tu não se acostuma, e voltar, não dá pra voltar mais... Então, é.. Daí fumo alí e olhemo essa morada, fumo com a família e tudo gostô, daí... O que importa é isso, né. E é pertinho, no meio dos amigo, aqui, dos vizinho, que é gente boa, né. Então... A gente vai ficá por aí memo. (Volmir Scarparo)

Assim, entendemos o trecho do rio Uruguai que está sendo atingido pela UHE Foz do Chapecó, como um patrimônio ameaçado, pois o rio deixará de ser como foi até então, com suas corredeiras, saltos, ilhas, margens e praias. Esta transformação estabelecerá novas relações das pessoas com o rio.

Tomando como exemplo a barragem de Itá/SC, verifica-se o desaparecimento de belezas naturais como o estreito do rio Uruguai, localizado em Marcelino Ramos/RS, registrado na fotografia a seguir.



Estreito do rio Uruguai em Marcelino Ramos/RS. Trecho alagado pela barragem de Itá/SC

Fonte: Acervo do Instituto Histórico-Geográfico de Santa Catarina.

Além disso, pescadores relatam que, depois de construída a barragem em Itá, surgiram dificuldades para sua atividade.

Quando tu pensa que tu vai pegá uma pescada boa, é o dia que você não vai pegá nada. Que o rio enche e daí te leva a rede embora, leva tudo embora. E daí tu perde tudo. Eu, me aconteceu várias vez já, armá as rede tudo numa noite e no outro dia i lá e não tê nenhum. O rio enche e leva. Que ele arrebenta tudo. Daí eles largam a água na barrage em cima [Itá], abre as turbina pra tirá energia, e acaba as pesca pra baxo aí. (...) Essa de Itá estragô nossa pescaria. Ela acabô, dá pra dizê. Por que deu peixe né, quando dá essas temporada de seca ali que eles se obrigam a segurá água, nós peguemo peixe aqui, né. Ma quando eles largam a água pra gerá energia, que tem água de sobra, nossa pescaria aqui acaba. Tem

Vidas em torno do rio: Uma abordagem histórica das relações estabelecidas entre as populações na região Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul e o Rio Uruguai – André Luiz Onghero, Lucas Antonio Franceschi

bastante pescador aqui que sobrevive do peixe. Uns piá novo que começaram a pescá agora poco tempo, e são poca experiência aqueles ali, quantas rede perderam. Vão pescá, né, colocam uma rede, perdem. (Claudino Ribeiro)

Este depoimento, de um pescador profissional que mora na Linha Volta Grande, em Caxambu do Sul/SC, permite analisar como a construção de uma barragem pode trazer conseqüências ao longo do rio, na medida que interfere no curso natural das águas.

A imagem seguinte mostra as torres da antiga igreja de Itá, coberta pelas águas do reservatório da barragem, que foram transformadas em um atrativo turístico.



Torres da antiga igreja de Itá, coberta pelas águas do reservatório da Barragem de Itá/SC

Foto: Lucas Antonio Franceschi

Percebe-se que o rio Uruguai tem uma importância fundamental na configuração do modo de vida das populações que viveram e vivem em seu entorno. Além de constituir um ecossistema

complexo, proporcionar o sustento de famílias e promover a economia regional, ele é uma referência para a identidade e memória da população.

Percorrendo suas margens, conversando com os moradores, constata-se o sentimento de perda decorrente da transformação que está acontecendo. Este rio, da forma como está, “vai fazer falta”, é o que diz quem convive com ele.

Notas

* Graduado em História pela Unoesc – Chapecó. Especialista em História pela Unochapecó. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação/UNICAMP. Técnico em Pesquisa – CEOM/UNOCHAPECÓ.

** Graduando em História - UNOCHAPECÓ. Técnico da empresa Scientia Consultoria Científica LTDA.

Fontes Orais

ANTÃO, Rainoldo. Entrevista concedida pelo Sr. Rainoldo Antão às pesquisadoras Patrícia Heffel, Fabiana Agostini e Talita Andreolla, em Caxambu do Sul/SC, no dia 13/11/2007.

CECCON, Valdecir. Entrevista concedida pelo Sr. Valdecir Ceccon ao pesquisador André Luiz Onghero, em Chapecó/SC, no dia 29/05/2008.

D'ALLMAGRO, Maria C. C. Entrevista concedida pela Sra. Maria Constância Chiarello D'allmagro aos pesquisadores André Luiz Onghero e Mirian Carbonera, em Caxambu do Sul/SC, no dia 29/01/2008.

FISTAROL, Itamar. Entrevista concedida pelo Sr. Itamar Fistarol aos pesquisadores André Luiz Onghero, Lucas Antonio Franceschi e Matheus Spada Zati, em Caxambu do Sul/SC, no dia 31/05/2008.

GURALSKI, Valério; GURALSKI, Vanda. Entrevista concedida pelo Sr. Valério Guralski e Sra. Vanda Guralski às pesquisadoras Patrícia Heffel, Fabiana Agostini e Talita Andreolla, em Caxambu do Sul/SC, no dia 13/11/2007.

LIMA, Bastião S; LIMA, Maria S. Entrevista concedida pelo Sr. Bastião dos Santos Lima e Sra. Maria Schultz de Lima aos pesquisadores André Luiz Onghero e Elison Paim, em Caxambu do Sul/SC, no dia 08/04/2008.

LOPEZ, Ilda Rebonato. Entrevista concedida pela Sra Ilda Rebonato Lopez aos pesquisadores Lucas Antonio Franceschi e Matheus Spada Zati, em Eral Grande/RS, no dia 07/06/2008.

MENONCIM, Davi; MENONCIM, Maria. Entrevista concedida pelo Sr. Davi João Menoncim e a Sra. Maria Menoncim aos pesquisadores André Luiz Onghero e Mirian Carbonera, em Caxambu do Sul/SC, no dia 29/01/2008.

RAMOS, Renato O; RAMOS, Jurema C. Entrevista concedida pelo Sr. Renato de Oliveira Ramos e Sra. Jurema Correa de Oliveira Ramos às pesquisadoras Patrícia Heffel, Fabiana Agostini e Talita Andreolla, em Caxambu do Sul/SC, no dia 25/10/2007.

RIBEIRO, Claudino; RIBEIRO, Neiva. Entrevista concedida pelo Sr. Claudino Ribeiro e Sra. Neiva Ribeiro aos pesquisadores André Luiz Onghero, Lucas Franceschi e Matheus Spada Zati, em Caxambu do Sul/SC, no dia 01/06/2008.

RIBEIRO, Luiz A; RIBEIRO, Eni T. V. Entrevista concedida pelo Sr. Luiz Alvez Ribeiro e Sra. Eni Terezinha da Vega Ribeiro aos pesquisadores André Luiz Onghero, Lucas Antonio Franceschi e Matheus Spada Zati, em Caxambu do Sul/SC, no dia 31/05/2008.

SANTOS, Arno Machado. Entrevista concedida pelo Sr. Arno Machado dos Santos aos pesquisadores Lucas Antonio Franceschi, Matheus Spada Zati e Carlos Gimenes, em Águas de Chapecó/SC, no dia 11/06/2008.

SCARPARO, Volmir. Entrevista concedida pelo Sr. Volmir Scarparo aos pesquisadores André Luiz Onghero, Lucas Antonio Franceschi e Matheus Spada Zati, em Caxambu do Sul/SC, no dia 31/05/2008.

VASSOLER, Guerino; VASSOLER, Aldina. Entrevista concedida pelo Sr. Guerino Vassoler e Sra. Aldina Vassoler às pesquisadoras Patrícia Heffel, Fabiane Agostini e Talita Andreolla, em Caxambu do Sul/SC, no dia 13/11/2007.

Referências

BAVARESCO, Paulo Ricardo. Colonização do Extremo Oeste Catarinense: contribuições para a história campestre da América Latina. In: **Anais do VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**. Quito: ALASRU, 2006.

BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no rio Uruguai (1930-1950). In: **Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de CEOM**. Chapecó: UNOESC, 1995. pp.111-139.

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.

DMITRUK, Hilda B. Ocupação pré-colonial no Oeste catarinense. In: **Cadernos do CEOM nº 23**, Edição Comemorativa. Chapecó: Argos, 2006. pp 99-148.

FLORES, Moacyr. **Tropeirismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

Vidas em torno do rio: Uma abordagem histórica das relações estabelecidas entre as populações na região Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul e o Rio Uruguai – André Luiz Onghero, Lucas Antonio Franceschi

LUZ, Aujor Ávila da. **Os Fanáticos – Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1952.

MALAN, Alfredo. O Passo de Goio-En. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina**. Volume VII. 1918. 3º Trimestre. Florianópolis: Typ. da Escola de Aprendizes Artífices, 1918.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2ª edição. Chapecó: Argos, 2006.

ZAMBIASI, José Luiz. **Lembranças de velhos**. Chapecó: Argos: 2000.

Sites Consultados

<http://www.fozdochapeco.com.br/index.php> acesso em 30 de julho de 2008.

<http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm> acesso em 21 de novembro de 2008.

Mapas

Mapa da hidrografia da região Sul do Brasil. Editado a partir de mapa publicado pelo IBGE no site <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm>

Mapa de localização da área diretamente afetada pela UHE Foz do Chapecó. Editado por Scientia Consultoria Científica a partir de mapas do IBGE.

Abstract

This article deals with historically established relations with the Uruguay River. Using interviews, images and bibliographics, sought to address various forms of the river use, by the different groups that inhabited the region. This way we can understand that the Uruguay River is an environmental and cultural heritage, since the relationship with the river was crucial to the development of different ways of life.

Keywords: Uruguay River; Hydroelectric; Heritage.